



A memória das coisas

Por Rejane Planer

No início da década de 90, tivemos oportunidade de encontrar sensitivos e médiuns oriundos dos mais diversos países que, com frequência, compareciam aos eventos organizados no complexo em que se situam as Organizações das Nações Unidas, em Viena, e onde se movimentam ainda hoje, diariamente, pelo menos 5 mil pessoas das mais variadas nacionalidades. Os queridos médiuns Divaldo Franco e Raul Teixeira aí também compareceram inúmeras vezes, lançando sementes da Doutrina Espírita que já produziram alguns frutos. Entre estes outros, lembramo-nos de Betty, uma gentil senhora americana de meia-idade que lia nos arquivos da memória dos objetos, fotos e outras coisas e identificava o seu dono, características

da sua personalidade e problemas que por ventura estivessem afligindo-o. Observamos Betty pegar a foto de alguém ausente, que não raro morava em outro continente, fechar os olhos e lentamente descrever o estado de saúde desta pessoa e os desafios que poderiam estar preocupando-o. Algumas vezes discorria sobre situações ocorridas em vidas pretéritas, dando indícios para a solução do problema sob o ponto de vista espiritual. Ela não oferecia conselhos, relatava o que sentia ou via, como ela mesmo dizia: *“Digo o que vejo. Nada mais, nada menos”*. Betty possuía uma propriedade peculiar: a psicometria.¹

A psicometria é a faculdade que certos sensitivos têm de caracterizar um objeto ao entrar em contato ou sentir as vibrações que

dele emanam. É uma propriedade anímica, portanto da alma, que pode ter componente mediúnico quando existe um Espírito desencarnado facilitando a sua manifestação.² Segundo Ernesto Bozzano, é também uma modalidade da clarividência, mas com características próprias e peculiares, pois são os próprios objetos apresentados ao sensitivo que estão impregnados por vibrações do seu possuidor ou do meio ambiente onde estiveram.

É uma faculdade intrigante, mas perfeitamente passível de entender, pois que, conforme ensina Manoel Philomeno de Miranda, “vivemos num universo constituído de energia que se expressa em ondas, vibrações, mentes e ideias, condensando-se em matéria e voltando ao estágio inicial incessantemente”.³

Os ambientes e a Natureza estão impregnados pela ação dos pensamentos ou energias mentais das pessoas e de tudo aquilo com que elas se relacionaram, sejam animais, vegetais, minerais ou qualquer outra coisa (móveis, roupas etc.), pois o pensamento atua sobre tudo que nos cerca, deixando rastros da nossa existência que podem afetar aqueles que vivem ao nosso redor ou que ainda virão a viver em ambientes onde hoje vivemos.

Ernesto Bozzano relata 26 casos de psicometria no livro *Os enigmas da psicometria*,⁴ alguns destes foram retirados da coletânea de 110 casos analisados por William Denton,⁵ cuja esposa possuía a referida capacidade. Charles Richet, prêmio Nobel de Fisiologia em 1913, também se dedicou à pesquisa do fenômeno, relatando as experiências da sensitiva Edith Hawthorne,⁶ as quais também foram analisadas por Ernesto Bozzano. Os relatos incluem psicometria de minerais, como um pequenino pedaço de carvão; de vegetais, tais como uma pequena lasca de uma árvore ou uma flor seca; de animais, a exemplo do pedaço da trompa de um rinoceronte e de

objetos de uso pessoal, como anéis, pulseiras.

É impressionante a riqueza de detalhes fornecidos pela sensitiva Elizabeth Denton ao relatar o que “via” e “sentia” ao analisar a lasca de uma pedra escura colhida aleatoriamente pelo marido. A sensitiva sentiu-se como a pedra, rolando e sofrendo a ação do tempo, as variações de temperatura, sentiu os efeitos da explosão de um vulcão e o calor infernal, o frio do gelo cobrindo a pedra. Descreveu o processo geológico de formação daquela lasca de pedra, a qual lhe era desconhecida, “viu” o ambiente ao redor com a nitidez de quem estava presente, vivenciando o passar do tempo e as variações climáticas; enfim, forneceu um registro geológico detalhado que é posteriormente confirmado pelo marido, William Denton.

No processo de psicometria, o sensitivo acessa na aura do objeto os fatos e impressões ali registrados e também estabelece relação telepática com o subconsciente do dono do objeto.⁷ Quando o objeto pertenceu a vários donos, o sensitivo acessa os fatos relacionados à pessoa que possuiu o objeto e que tem mais afinidade com o fluido do sensitivo, isto é, existe uma afinidade eletiva, segundo Bozzano.

Em *Nos domínios da mediunidade*⁸ encontramos o exemplo de uma jovem desencarnada que se olhava tristemente num espelho exposto em um museu, quando um grupo se aproximou para admirar e elogiou a beleza do espelho. A jovem desencarnada, irritada com a intromissão, tocou no ombro de uma senhora do grupo, que de imediato sentiu calafrios e pediu ao grupo para afastar-se, pois percebia “um estranho sopro de câmara funerária” no local. O instrutor Aulus [Espírito] explica no livro que a senhora é pessoa sensitiva que, se educasse a capacidade, poderia entrar em contato com a jovem desencarnada, captar suas ondas mentais e o drama íntimo desta. Esclarece também que o espelho era presente do noivo da

jovem desencarnada, que lhe prometera casamento no século 18, mas logo mudara de cidade, viajando com a família, esquecendo o compromisso assumido. A jovem apaixonada, no entanto, continuava aguardando saudosa, presa ao presente que havia recebido do rapaz junto com a promessa de união matrimonial.

Se gostamos muito de uma roupa, uma joia, um carro ou outro objeto, e somos apegados a ele, vamos deixar este apego e as impressões fluídicas de quando usamos o objeto. Quanto mais ampliamos o nosso apego, mais fluídos impregnamos no objeto, que fica com as impressões do nosso pensamento, da nossa mente ali registradas. Posteriormente, um sensitivo recebe aquele objeto e percebe ou lê o registro das nossas impressões que fica-

ram ali gravadas. Se a pessoa não é consciente de que tem esta capacidade, recebe as impressões, talvez se sinta angustiada, mas não identifica a razão. Não importa se o dono do objeto está encarnado ou desencarnado, se está próximo ou longe, as suas impressões ficaram registradas, e o sensitivo psicômetro as recolherá.

É relativamente comum ouvirmos pessoas reclamarem que não conseguem dormir bem em hotéis, sentem-se agitadas, têm sonhos confusos. Aqueles que conseguem lembrar com mais detalhes relatam que se sentiram em ambiente diverso do atual, vivenciando situação ou vendo desenrolar-se situações que lhes causaram forte impacto emocional. São percepções do ambiente que habitantes anteriores ou hós-

pedes frequentes deixaram no local. Um exemplo deste caso encontramos no relato de Katherine Bates, que se hospedou na casa de uma amiga em um belo e espaçoso quarto, mas que ela sentia saturado da presença de um homem, cuja “influência era uma forte sensualidade, de criatura não má, mas apenas fraca e inteiramente entregue às circunstâncias e aos seus pendores hereditários, à falta de poderes inibitórios”.⁹ A amiga disse que o quarto pertencia aos filhos que estavam no exército. Katherine conhecia um deles e logo descartou a possibilidade de ser esta a personalidade que ela percebia. Ao ver a foto do segundo filho da amiga, teve certeza de que não provinha dele a energia sensual. Assim, descreveu à amiga o caráter da pessoa cujas impressões ela

“Se gostamos muito de uma roupa, uma joia, um carro ou outro objeto, e somos apegados a ele, vamos deixar este apego e as impressões fluídicas de quando usamos o objeto.”

Rejane Planer

percebia. A amiga buscou então outra foto e disse: “Confesso que você acabou de descrever exatamente este meu cunhado, que, de fato, muitas vezes ocupou esse quarto, se bem que meus filhos o fizessem depois dele”. Katherine Bates diz que este tipo de percepção a acompanhou em muitas viagens, quando era obrigada a pedir um quarto pior, porque outro, teoricamente melhor, trazia impressões penosas que não lhe permitiam o repouso.

Esses exemplos de psicometria levam-nos a pensar como poderia a Ciência progredir se os atributos do Espírito imortal fossem usados para gerar conhecimento e harmonia. A análise psicométrica dos achados arqueológicos, por exemplo, poderia trazer conhecimentos sobre os fatos históricos ocorridos no local, poderia também contribuir para estudos da evolução geológica dos locais, como vimos nos exemplos acima.

O estudo da psicometria deixa clara a necessidade de desapego, de libertar-se do apego exagerado a pessoas e a coisas que nos acompanham, por empréstimo, nesta vida.

A mentora espiritual Joanna de Ângelis ensina que: “O desapego deve constituir-se proposta essencial para a harmonia interior”.¹⁰ É preciso possuir sem deixar-se aprisionar pela posse, aprender a usar os bens materiais sem ter apego, pois estes são na realidade empréstimos do Criador para a nossa subsistência e comodidade.

De modo similar, aqueles que amamos e estão conosco nesta vida não são objetos, portanto, também não são de nossa posse. Aqueles que nos acompanham nesta jornada de vida, vivenciando momentos de aprendizado, por vezes auxiliando-nos a enfrentar desafios existenciais depois da morte do corpo físico, seguirão adiante, podendo tomar rumos diversos dos nossos, pois cada ser constrói a sua própria escalada evolutiva.

O estudo da ciência espírita proporciona o conhecimento dos fatos e suas causas, mas também tem um objetivo filosófico e ético-moral muito claro: permite que reflitamos sobre as atitudes mentais, sobre o comportamento que adotamos e suas consequências. O apego demasiado aos bens materiais prende-nos ao ambiente e às coisas, impedindo a nossa caminhada evolutiva, atrelando sofrimentos e tristezas desnecessárias a um ser que poderia estar livre e caminhando em prol da sua felicidade. ■

Referências:

1. O termo *psychometry* (psicometria) foi cunhado pelo Dr. Joseph Rhodes, do Instituto Médico Eclético, no estado de Cincinatti, EUA, em 1842, portanto antes do surgimento do Espiritismo.
2. SCHUBERT, Suely C. *Mentes interconectadas e a lei de atração*. 1. ed. Santo André: EBM Editora, 2010, p. 129-133.
3. FRANCO, Divaldo; MIRANDA, Manoel Philomeno de [Espírito]. *Perturbações espírituais*. 1. ed. Salvador: LEAL, 2015, p. 7.
4. BOZZANO, Ernesto. *Os enigmas da psicometria*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
5. DENTON, William. *The soul of things: psychometric experiments for re-living history*. 1. ed. Wellingborough: Aquarian Press, 1988.
6. RICHET, C. *Thirty years of Psychical Research: A Treatise on Metapsychics*. E-book.
7. PERALVA, M. *Estudando a mediunidade*. 20. ed. FEB: Rio de Janeiro, 1998.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. 9. ed. FEB: Brasília, 1995, p. 246-247.
9. BOZZANO, Ernesto. Op. cit., p. 59-60.
10. FRANCO, Divaldo; ÂNGELIS, Joanna de [Espírito]. *Rejubila-te em Deus*. 1. ed. Salvador: LEAL, 2013, p. 92.